

RESENHA

*Deliciosa utopia de Darcy Ribeiro*

DARCY RIBEIRO. *Utopia selvagem. Saudades da inocência perdida: uma fábula.* Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1982. 202 p.

1. Para o brasileiro com saudades de inocência perdida, a utopia, esse lugar que não tem mais lugar, é ainda a vida do índio. O passado deles, dos índios, sem história, é já a imagem do futuro que ainda não tem história. Parece que o índio, primigênio e nu, é só humano; a história dele não acumulou coisas sobre ele, deformando a sua figura essencial; o que ele tem de história grudou no corpo dele como pintura de urucum ou desenho de jenipapo. "Não tendo jamais experimentado os freios da escravidão ou do assalariado, eles guardam uma inocência e uma inteireza que, entre nós, só restam nas crianças, nos doidos e nos caducos... Seu forte não está nas saudades do fazer. Está, isto sim, é nas artes de conviver. Nisto estão sozinhos. Organizam suas vidas em comunidade como quem acha que o importante da vida é só viverem todos juntos, convivendo livremente, sem medo de donos, nem de reis, nem de deuses". (págs. 187-88).

2. O índio já rendeu muitos serviços ao branco, às vezes perdendo até a própria vida; no fim, com muita paciência, ele, sua vida, capaz que ainda educa o branco, o preto, o caboclo e o mulato, o brasileiro todo. Pelo menos, Darcy Ribeiro, que não somente mata saudades de inocência perdida, mas constrói uma filosofia política, gozada, brincahona, maliciosa, uma verdade tão grossa, tão lógica e tão óbvia que só pode ser apresentada em forma de piada. "Mas não pense o leitor que advogo o retorno à Barbárie. Longe de mim tal disparate. O que tenho é uma incurável nostalgia de um mundo que bem podia ser, mas jamais foi e que eu nem sei como seria, e se soubesse não diria" (p. 188). Como os grandes pedagogos, os verdadeiramente revolucionários, que para se fazer entender tiveram que elogiar os contravalores do tempo, a loucura (Erasmo), a selvageria (Rousseau), a preguiça (Lafargue). Darcy Ribeiro preconiza a filosofia inconfessável do "desbunde", uma sociedade onde todo o mundo chega a fazer o que quer, porque ninguém domina o querer do outro. "Este tuxaua deles, por exemplo, que bem podia ser um rei, é na verdade um banana... Mas por que todo chefe ou rei - se é que tem de havê-los - não há de ser um companheiro? Jamais Calibá (o cacique índio) deu uma ordem na vida e no dia que der todo mundo vai cair na risada", diz ainda Darcy, na mesma página que citamos, uma página de antropologia (págs. 187-88).

3. Para chegar a conclusões deste tipo, Darcy Ribeiro soube ler às avessas histórias de conquista, crônicas de missionários, diários de viajantes, trabalhos de etnógrafos e teorias de etnólogos, relatórios de funcionários, denúncias de indigenistas, projetos de antropólogos. Toda essa terrível brincadeira literária que sempre pretendeu fixar o índio no papel. Graças a Deus, o índio não se deixa dissecar tão facilmente e foge continuamente do museu, onde os sábios o catalogaram e das reservas

onde os políticos o reduziram, assim como das missões onde ia ser doutrinado.

4. De fato, porém, a *Utopia Selvagem* de Darcy não é uma reprodução da vida do índio, que, aliás, nem sabemos direito o que é, mesmo tendo convivido com ele durante anos. Tudo o mais é uma reflexão na qual se espelham, diante da vida do índio, todas as bobagens, as imaginações doentias, as sem-vergonhices da nossa civilização, profundamente anti-utópica, isto é, decididamente anti-humana.

5. O enredo deste romance porque esta *Utopia Selvagem* é romance e ficção - conta a aventura de um brasileiro bem brasileiro, por sinal preto e militar, que cai no "país mulheril" das índias Amazonas e depois passa, quase sem saber como, para a aldeia-missão em parte dominada pelas freiras missionárias. É o recurso para confrontar o civilizado com o índio nas fronteiras mesmas da imaginação e da redução. Geralmente, frente ao índio, o civilizado imagina coisas e sonha naquela vida a permissividade dos tabus e das proibições que só atreve a desejar pecaminosamente. Pitum, o preto, naquele país das Amazonas, faz a experiência das "testemunhas do impossível", da impossível humanidade. Etnograficamente falando, é um prazer toda essa primeira parte do livro, na qual o selvagem se apresenta com uma lógica que supera qualquer doutrina, porque é a verdadeira vida sonhada que o mundo antigo, o ocidental, já faz tempo tinha perdido. O lado utópico da América insólita nunca inteiramente descoberta.

6. Depois o preto Pitum passa a aldeia-missão onde fará a experiência do confronto cristão-pagão, sendo que o cristão é apresentado como forma particular da entrada colonial no mundo indígena. Também aqui tem muita brincadeira irreverente nas costas de duas freiras, uma católica e outra protestante, que vivem eternamente espantadas com a liberdade irreduzível dos índios, tanto em relação como em organização social. Darcy Ribeiro conhece bem, na história das missões, o que elas tiveram de intolerância, às vezes, de imposição e incoerência. A crítica, em algumas páginas, é feroz no mais puro estilo voltairiano. Não faz mal. Muitos missionários assumiram esta crítica, convencidos de que "o mais admirável... é o sempre ameno convívio cristão desta indiada pagã" (p. 89). E isto é também uma utopia cristã.

7. Moralistas, pedagogos, filósofos e políticos aprenderam a reconhecer no "selvagem" a existência de uma ecologia espiritual que é reserva de humanidade. Está por vir ainda o dia em que, além de uma *Utopia Selvagem*, possamos ter também um "Evangelho Selvagem", porque de fato a vida do "selvagem" já é ecologicamente evangélica. Nessa indiada o missionário vai encontrar os "testemunhos do impossível" cristão.

BARTOMEU MELIA, SJ  
Missão Anchieta, MT